



## NEPE – Núcleo Estudos e Pesquisa de Espiritismo

IIEP – Instituto Ensino, Pesquisa e Extensão

GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania

Divinópolis, Minas Gerais - Brasil

### IX - Estudos psicofônicos – Junho 2009

#### Realidade Espiritual

#### Considerações metodológicas, didáticas e analógicas

Pedro (Espírito)

Psicofonia compilada por Maria José Gontijo

Revisão Filipe Alex da Silva

**Resumo:** Neste estudo é abordado o tema realidade espiritual, acerca do Universo Espiritual. O Espírito Pedro ressalta a dificuldade em explicar de modo inteligível as nuances da vida espiritual para nós, encarnados. Questiona a lógica aristotélica de certo ou errado apresentando os conceitos de dialética e esléctica, ressaltando que na faixa evolutiva humana não existe nenhuma verdade absoluta, à exceção do Próprio Deus, que é inquestionável. Também explica sobre a percepção humana da vida corpórea, da percepção espiritual e das manifestações dessas percepções na realidade espiritual.

**Palavras chaves:** realidade espiritual; dialética; esléctica; percepção.

É uma alegria estar com vocês, compartilhar este momento e este espaço dedicados à instrução, à reflexão e ao autoconhecimento.

Hoje vamos avançar no conhecimento iniciando o estudo sobre a realidade espiritual.

Inicialmente, gostaríamos de apresentar esse tema, falando um pouco das dificuldades que teremos, tecendo algumas considerações.

As primeiras são algumas considerações metodológicas e didáticas.

Vamos começar com as didáticas.

Neste tema, a vida dos Espíritos, o Universo espiritual, se é que podemos determinar assim, encontramos diversas dificuldades para expor e tentar transmitir essas informações, porque esta realidade não é a que vocês estão acostumados, que é a corpórea, a realidade material (espaço-tempo-matéria-energia).

Encontramos uma série de dificuldades em transmitir os conceitos que gostaríamos, porque não existem palavras que possam descrever esta realidade de forma adequada e transmitir o seu sentido. Vamos recorrer em vários momentos, a uma forma didática chamada analogia.

Existem várias restrições ao uso de analogias, mas é a única forma que encontramos para transmitir alguns conceitos que vamos estudar. Ela não é tão precisa, exata e muitas vezes não vai representar o conceito completo do que desejamos transmitir. Mas não existe outra forma.

Para lhes dar uma ideia, seria como tentar falar para um cego de nascença, as nuances das cores. Como lhe explicar uma cor?

Somente alguém que tem a percepção da visão é que pode perceber a diferença entre o amarelo e o branco. Como explicar para um cego essa diferença?

Essa é a dificuldade que nós vamos encontrar, tratando-se da realidade espiritual, porque a percepção de vocês é apenas da corpórea e vamos tentar transmitir alguns conceitos da realidade espiritual.

A analogia é muito poderosa. As parábolas de Jesus são analogias. Mas eu gostaria de usar um método mais claro, científico, objetivo, para enunciar estes conceitos, porém não há como.

Vamos usar vários conceitos que a humanidade já alcançou através da ciência, porque a matemática e as ciências, principalmente a física, já conseguiram alcançar alguns conceitos que estão além da percepção humana corpórea.

Por exemplo: as concepções relativas às ondas, principalmente as ondas em altas frequência, o comportamento das velocidades próximas da luz. Através da física e da matemática o homem já concebe alguma coisa que a percepção humana não consegue alcançar.

Vamos utilizar alguns destes conceitos para tentar explicar algumas questões da realidade espiritual.

Sobre a questão metodológica, em relação à verdade, gostaríamos de estudar a lógica.

A lógica mais antiga e que está firmemente solidificada na mente dos homens, é a lógica aristotélica do certo e errado, uma coisa só pode ser verdadeira ou falsa.

Exemplo: vamos pegar um objeto simples, essa mesa.

Posso dizer: essa mesa é redonda. É uma afirmação verdadeira.

Se ela fosse oval ou quadrada. Seria uma afirmação falsa.

Outro exemplo: Sérgio é homem. Correto? Uma afirmação verdadeira. Não é mulher, feminino.

Essa é a lógica que estamos acostumados: uma coisa é verdadeira ou falsa. Fazemos nossos julgamentos: isso é falso, isso é verdadeiro.

E aí, algumas coisas se solidificam em nós e se tornam paradigmas, dogmas, sendo que, qualquer coisa que foge daquele conceito de verdadeiro, já colocamos: isso é falso, não nos serve.

Só que essa análise de falso e verdadeiro é muito pretensiosa. Quem somos nós para determinar exatamente, precisamente e infinitamente que algo seja absolutamente verdadeiro ou falso?

Se formos analisar essa mesa, por mais perfeição que tenha, para ser um círculo exato, vocês sabem que tem que obedecer aquele parâmetro do número “pi” que é 3.141592... e hoje já tem milhões de casas decimais e não se descobriu qual o número exato dele.

Nenhuma tecnologia pode fazer essa mesa totalmente redonda. Assim, a afirmação que ela é redonda, quer dizer, que ela é aproximadamente redonda. Para a “percepção humana” ela é redonda.

No caso da afirmação do Sérgio ser homem, dentro de um parâmetro corpóreo podemos até defini-lo assim. Realmente ele tem o sexo masculino, porque tem a genitália masculina, mas, e psiquicamente? Se ele já foi mulher, e com certeza já foi, quanto o psíquico dele tem de feminilidade? E mesmo na corpórea, quais os ingredientes pertencentes ao sexo feminino encontram-se no próprio corpo dele, de nível hormonal e até no nível material?

**Então, nada é absolutamente falso e nada é absolutamente verdadeiro. Depende dos parâmetros. Depende da profundidade.**

Por que estou dizendo isso?

Porque nós não vamos poder adotar na realidade espiritual essa lógica, de falso e verdadeiro, pois os fenômenos são muito complexos.

Não é possível determinar se isso é falso ou verdadeiro de uma maneira efetiva, porque vamos ver que o regime espiritual é o da consciência.

Para algumas consciências algo é absolutamente verdadeiro, mas para consciências mais amplas, aquilo que é absolutamente verdadeiro para aquelas, se torna localizado, singular para aquelas consciências e não é verdadeiro para todas, tem uma verdade relativa.

Vamos pensar numa outra lógica, um pouco superior, a dialética.

A dialética é uma proposta na qual existe tese, antítese e síntese. É uma lógica progressiva.

Por exemplo, um médico propõe a tese que este Espírito, nesta determinada condição está sofrendo um problema específico. Ele defende sua tese, a sua verdade. Outra pessoa vai defender a antítese e vai dizer que não é bem assim, temos que considerar outros fatores. E aí, juntando a tese e antítese é possível fazer uma síntese, onde se colaboram as duas propostas. Esta síntese se torna uma nova tese e assim sucessivamente.

Ainda existe uma proposta colaborativa, determinada esléctica, que é superior.

Também chamada “ética do discurso”, nela não existe apenas uma tese e uma antítese, mas vários pontos de vista sobre uma determinada proposta, afirmação. E todos estes pontos de vistas somados de forma colaborativa fornecem uma visão mais ampla do objeto.

E mesmo assim, com várias visões de pontos de vista ainda não posso falar que aquilo é uma verdade absoluta. Esta pertence a Deus.

Mas ela já nos ajuda muito, porque vai nos evitar o julgamento, a vaidade, a pretensão de sabermos tudo.

Seria bom, estarmos sempre pensando num tipo de lógica que nos permitisse avançar em direção a essa verdade absoluta, que em última análise, pertenceria a Deus. Estamos caminhando nesta direção quando levamos em consideração todos os pontos de vistas.

P1: Seria o senso moral?

R1: Quando se fala em senso moral se pensa apenas a área da cultura. Mas nos referimos à verdade, também considerando áreas da Física e demais Leis Divinas Naturais. Seria o senso moral mais o racional, a soma de ambos e, acrescido da inteligência humana, tanto no sentido moral quanto racional.

P2: Podemos concluir que tudo é relativo?

R2: Na verdade, quando se afirma que tudo é relativo, deve abrir uma exceção para Deus e para esta afirmação. Porque se tudo é relativo, até a afirmação seria relativa, logo, ela seria falsa. **Na faixa evolutiva humana, todas as verdades são relativas.**

P3: Então o bem e o mal dependem da consciência de cada um?

R3: Sim. Porém, não podemos afirmar que o bem e o mal são relativos. Se o fossem, cairíamos num ceticismo moral, quando tudo vale. O bem existe, no entanto ninguém conhece o bem absoluto. Vamos alcançar este bem, que é Deus, paulatinamente. Quanto mais avançarmos no conhecimento, mais saberemos o que ele é, por meio das Leis Divinas. Porém, o nosso conhecimento do bem é relativo. Quando afirmamos que o bem é algo, estamos sendo pretensiosos, como se conhecêssemos a verdade. Melhor seria dizer que: na minha consciência, concepção, no meu nível evolutivo, percebo o bem assim. Isto não significa que tenhamos alcançado todo o bem possível.

Isto não vale apenas para a dimensão moral. Vale também para o físico, material. Como por exemplo, aqui temos uma “cadeira”. Tem certeza? Isto é uma verdade? Porque a partir do momento que aprofundamos em nossas reflexões, no conceito do que vem a ser uma “cadeira”, podemos começar a duvidar de que este objeto seja, realmente, uma

cadeira. Perceberemos que o nosso conceito de cadeira é relativo. Começo a duvidar de minhas certezas.

P4: A metodologia da dialética pode ser individualizada?

R4: Sim, no entanto, nem sempre você está sozinho. Você mesmo pode ter um processo de dialética interno e vai analisando, cria uma tese, depois combate esta tese, sozinho. Mas pode haver ajuda de seu mentor espiritual, o que não podemos ignorar, que muitas vezes, nas suas reflexões, no conversar com seus “botões”, na verdade, está conversando com seu mentor espiritual.

P5: Nesta comunicação com o seu mentor, não guardamos nenhuma lembrança?

R5: Sim. É um problema de percepção. Para explicar isso, fizemos a analogia do cego de nascença, porque ele não teve a percepção. O cego, com certeza, teve outras vidas enxergando. Mas ele nunca teve, nesta vida, a percepção das cores. Ele pode ter até a intuição, se você lhe falar que amarelo é quente, o azul é frio. Uma intuição ele vai ter, mas não tem a percepção. Assim, o que falta a vocês encarnados, neste sentido, é a percepção. Falta-lhes a percepção espiritual que poderia esclarecer muitas coisas, por se encontrarem aprisionados no corpóreo, por assim dizer.

P6: Mas só a libertação do corpo vai dar essa clareza?

R6: Não. Por isso a instrução metodológica. Porque alguns Espíritos desencarnados, vão afirmar para vocês que a realidade espiritual é exatamente igual a material, porque a impressão deles de lá, é esta. É uma verdade relativa para eles; que vale para eles. Os Espíritos mais evoluídos, vão alcançar dimensões que eles não alcançam. Para os primeiros, é como se estivessem ainda no mundo tetradimensional. O que proponho desenvolver em vocês é o senso crítico para, inclusive, perceber o que Allan Kardec chama de “pluralismo de sistemas espirituais”. Leiam a mensagem no Livro dos Médiuns sistema mono-espiritual e sistema pluri-espiritual. Abordam estes sistemas espirituais.

Na metodologia, temos ainda, um problema sério de terminologia. Por isso vamos começar a desenvolver uma consciência crítica, porque não é somente na questão didática que a terminologia que usamos para referenciar a realidade espiritual, muitas vezes, não está coerente, não é a mais adequada para descrevê-la.

Como por exemplo: o espírita está acostumado a palavra “plano” para nomear a realidade espiritual. Mas, plano espiritual e plano material é muito pobre para descrever essas realidades, inadequado. Pois plano é algo com duas dimensões x e y, por exemplo, este quadro aqui é um plano. A própria realidade material tem o plano Z que é profundidade. Então, ela tem comprimento, largura e profundidade. É tridimensional, três dimensões. O correto seria no mínimo, espaço espiritual, espaço material. Porque o espaço tem três dimensões. A palavra “plano” espiritual é uma forma inadequada para se descrever a realidade espiritual.

O plano material, não é constituído de três dimensões apenas, mas de quatro dimensões. Qual é a quarta dimensão? O tempo. Tudo isso aqui acontece no tempo. O que está acontecendo nesta sala, que é um espaço dimensional, está acontecendo numa realidade temporal. Vinte e uma horas, quatorze minutos, do dia dezesseis de dois mil e nove, após o nascimento de Jesus, determinado pelas autoridades. Então isso acontece no tempo, tem um início e um fim.

Mesmo a realidade material é espaço temporal. O tempo é a quarta dimensão, difícil de mensurar, mas existe. Na realidade espiritual mínima, eu vou ter uma imagem da realidade material que é de quatro dimensões.

Mas o fantástico e o difícil de descrever para vocês, é que a realidade espiritual não é espaço-temporal. Não tem quatro dimensões. Quantas dimensões ela tem? O conceito de dimensão não cabe na realidade espiritual. Por isso, falamos que a realidade espiritual é transdimensional. Ela não se limita às quatro dimensões do plano material.

Na realidade material temos quatro dimensões que representam espaço-temporal, que é o Universo conhecido e temos também a matéria/energia. Não é só material, mas energia também. A energia é matéria descoagulada, mais livre, mais solta. Por isso os Espíritos têm mais condições de trabalhar com a energia, mas trabalham com a matéria também. E trabalham como? Com o meio termo, que também pertence ao plano material que é o campo.

Essa definição de campo é muito importante e já vimos em estudos anteriores. Porque é o campo que vai significar para nós todos aqueles conceitos kardecianos de fluidos. Naquela época, ainda não havia sido desenvolvida as teorias sobre os campos, que são os elementos intermediários entre o Espírito e a matéria que na época de Kardec, gerou os conceitos de fluido cósmico universal, perispírito, éter etc como já estudado.

Aliás, a palavra campo é proposta por Einstein para substituir o éter, porque ele não conseguiu adequá-lo como meio físico nas suas equações da relatividade. Logo, o campo surge para substituir o éter que era entendido na época como “fluido cósmico universal”. Hoje o éter é um conceito que não existe mais na ciência.

O que é o campo? É uma modificação do espaço-temporal. O campo age na matéria. Por exemplo: se acendo uma vela, o fogo vai criar uma modificação naquele espaço temporal, provocando aquecimento e outros efeitos.

P7: Seria o conceito do fluido vital, do Livro dos Espíritos?

R7: O fluido vital também vai ser um campo. Um campo de ação. Outra analogia de campo: o gravitacional. A gravidade altera o espaço-temporal, de forma que a matéria densa é atraída. Isso é um campo. Nós já havíamos definido que “perispírito” é um campo consciencial.

P8: E o campo eletromagnético?

R8: O campo eletromagnético também é da realidade física. Não estou falando mais “plano material” mas, uma realidade física que é espaço-temporal, matéria/energia (tetradimensional) e que através do campo vai sofrer uma ação do Espírito.

Se me perguntarem o que é o Espírito, não vou saber responder, porque este, já não pertence mais a essa realidade tetradimensional. O espírito é consciência, inteligência, informação. Ele é capaz de formar o campo em torno de si, que se chama corpo consciencial, que no homem é autoconsciência, que é capaz de sobreviver à morte do corpo físico e constituir a realidade espiritual, que podemos chamar também, de realidade consciencial; nome que considero adequado porque essas realidades dependem da consciência. Existem realidades de muito sofrimento, de muita dor, que estão ligadas à consciência do Espírito.

P8: Ela é real?

R8: Para ele é. Daí a necessidade de rever o nosso consciente lógico. O Espírito está na realidade espiritual preso, amarrado, sofrendo, dilacerado, sentindo o corpo dele sendo rasgado. Isso não é verdade, mas para ele é. Está naquela realidade tridimensional, material que ele criou para si mesmo. Para ele é matéria. O corpo sente dor, fome, sono. É interessante, quando vocês leem um romance que descreve esta situação e ficam duvidando dos fatos ali narrados. Mas é a consciência daquele ser.

É tão impressionante, que afirmamos no último estudo, que havia cerca de duzentos Espíritos aqui e vocês se perguntaram como caberiam neste espaço. Isso é possível porque a realidade deles, aqui, é outra. Pode haver, neste momento, se desejo dos espíritos que coordenam este trabalho, a construção de um amplo auditório que caibam dez mil espíritos sentados confortavelmente em poltronas adequadas, ouvindo som, talvez, vindo na frente deles, com um aparelho qualquer. Não estamos dizendo que é isso que acontece, mas que poderia ser realizado, tranquilamente. Porque a realidade aqui, para nós, é consciencial.

P9: O caminho que a ciência humana, hoje, está tomando, as pesquisas do acelerador de partículas, as chamadas as partículas de Deus, esse é o caminho que a ciência humana vai projetar na comprovação deste mundo espiritual, para os materialistas?

R9: Sempre houve, desde os primeiros cientistas, digamos assim, mesmo antes de haver ciência, que quando olhavam para a natureza já intuía a mão de Deus nela. Como Kardec exemplifica: sabemos discernir quando alguém toca o sino ou quando alguém balança o sino. Porque quando alguém balança o sino há uma intencionalidade, há um ritmo, há uma ordem. Enquanto que quando o vento balança é caótico. É caos. Desde os primórdios do estudo do homem, ele já percebeu a ordem no Universo. Quem, com boa fé e sã consciência, diria que tudo que existe no Universo, inclusive a vida humana, é obra do acaso? Quando os cientistas aprofundam no conhecimento da matéria, do Universo e dos campos que o coordenam, os campos gravitacionais, eletromagnéticos, das forças atômicas, fortes e fracas, eles vão se perguntar, mas porque é assim? E só há uma resposta. Uma inteligência suprema anterior ao Universo quis que fosse assim. Logo, inegavelmente, a ciência já chegou e chegará cada vez mais a conclusão como Kardec chegou “que todo feito inteligente deve possuir uma causa inteligente”.

Aprendendo sobre a realidade espiritual ou consciencial, vocês se sentirão estimulados a fazer alguns questionamentos:

Como é o corpo do espírito, como esse corpo se manifesta?

Como é a relação do corpo com a tecnologia?

Como é a percepção dos espíritos?

Como é que os espíritos percebem a vida corpórea?

O porquê da necessidade da vida corpórea para os espíritos?

Estas são algumas questões que pretendemos desenvolver nas aulas seguintes. Gostaria de sugerir que vocês lesem sobre esse tema, vida corpórea, vida espiritual ou realidade consciencial e trouxessem questões.

Sugiro também, que sejam de alguma forma programadas, sequenciadas, para possibilitar o melhor entendimento de vocês.

Sempre estarei trazendo algumas informações, mas também atenderei as questões. Sugiro que tenham um centralizador. Escolham uma pessoa e que os e-mails sejam enviados para ela, e que ele traga essas questões para que possam ser respondidas aqui.